

**R. L. STEVENSON**

**A ILHA DO  
TESOURO**

*Texto  
integral*

Tradução

**Duda Machado**

Ilustração

**N. A. Reis**

**Jayme Leão**

**ea**

editora ática

Titulo original: *Treasure Island*

Titulo da edição brasileira: *A Ilha do Tesouro*

Editor	Fernando Paixão
Assistente editorial	Mário Vilela
Preparadora	Margaret Presser
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Luciene Lima

ARTE

Ilustração/capa e miolo	N. A. Reis
Editor	Jayme Leão
Editores eletrônicos	Jayme Leão
	Antonio U. Domencio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S868i

2.ed.

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894

A ilha do tesouro / Robert Louis Stevenson; tradução Duda Machado;

ilustração N. A. Reis, Jayme Leão. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 1997.

216p. : il. - (Eu Leio)

Tradução de: *Treasure island*

ISBN 978-85-08-05383-4

Literatura infantojuvenil escocesa. I. Machado, Duda, 1944-. II. Reis, N. A. III. Leão, Jayme. IV. Título. V. Série.

10-2519.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 05383-4 (aluno)

ISBN 978 85 08 05384-1 (professor)

2012

2ª edição

13ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# ROBERT LOUIS STEVENSON

## Um viajante nos mares da aventura

Eliane Robert Moraes

*Sua vida foi uma aventura. Não porque ele sonhasse em ser um desses heróis de livros que se arriscam de perigo em perigo, como nas histórias que viria a escrever. Foram outras as suas razões. Afinal, como poderia subsistir um homem que, desenganado pelos médicos desde a infância, esteve sempre com os dias contados? Para Robert Louis Balfour Stevenson não havia outra escolha senão correr o risco de viver.*

*Nascido a 13 de novembro de 1850 em Edimburgo, na Escócia, Stevenson conviveu toda a sua existência com uma tuberculose crônica, responsável por grande parte dos rumos que seguiria. A começar pelo gosto por aventuras: durante as crises da doença, sua babá costumava acalmá-lo contando histórias de piratas e contos folclóricos. A eficácia desse “tratamento” era total, funcionando não só como paliativo das crises, mas também*



*como combustível para sua fértil imaginação. Talvez secretamente ele já sonhasse em passar de ouvinte a contador de histórias.*

*Muitos anos mais tarde, numa carta escrita a um amigo, o escritor confessava: “É muito divertido escrever histórias para crianças. A gente se deixa levar pelo coração e pronto: nada de preocupações, nada de esforço.*

*A única dificuldade é chegar ao fim". No fundo Stevenson estava querendo dizer que o bom contador de histórias é aquele que compartilha com o ouvinte a desesperada vontade de adiar o final. E é bem provável que, ao escrever essas palavras, ele tivesse em mente as noites mágicas de sua infância.*

*Mágicas também foram as viagens daquele menino que, apesar da doença, foi uma criança feliz. Até os dezessete anos ele acompanhou o pai nas andanças profissionais pela costa da Escócia. Tais passeios deixariam marcas profundas em sua personalidade, inspirando-lhe a grande paixão pelo mar, tema constante de seus livros. Essas viagens, contudo, não motivaram o jovem Robert Louis a seguir a carreira paterna. Filho de uma importante linhagem de engenheiros, ele chegou a iniciar os estudos de Engenharia mas, não resistindo ao esforço físico que a profissão exigia, transferiu-se para a faculdade de Direito. Em 1875 formou-se advogado, profissão que jamais exerceu. Sua verdadeira vocação era a literatura, a que se dedicou desde os vinte e um anos, quando começou a escrever para jornais e revistas.*

*Como escritor, Stevenson aventurou-se por diversos gêneros. Escreveu contos, novelas,*



*romances, poemas, ensaios, além de impressões de viagens e estudos de estética. Percorreu essa vasta gama de formas literárias sem abrir mão do estilo conciso, econômico, marcado por uma estrutura dinâmica, direta e veloz. Era assim que ele se propunha a perseguir o que considerava o mais nobre objetivo da literatura: "impressionar vivamente os olhos do espírito".*

*Sua busca, porém, esbarrou em obstáculos. Apesar de raros os momentos de inatividade, Stevenson foi muitas vezes obrigado a escrever na cama*



Robert Louis Stevenson passou a maior parte de sua vida atormentado por uma tuberculose crônica, que o acompanhava desde a infância. Isso, porém, jamais conteve sua enorme energia criativa — mesmo nos piores acessos da doença, ele fazia grandes sacrifícios para continuar escrevendo. A ilustração o mostra aos quarenta e quatro anos, já bem próximo da morte, mas ainda trabalhando febrilmente



devido às crises pulmonares. Quando estas se agravavam, ele era forçado a deixar sua gélida terra natal, à procura de melhores ares. É bem verdade que os motivos de saúde pareciam sempre coincidir com o espírito pioneiro do escritor, induzindo o doente a dar lugar ao viajante. Assim, as diversas estadas em sanatórios europeus e americanos transformaram-se em viagens interessantes, registradas por um arguto observador.

Os dois primeiros livros de Stevenson reúnem lembranças e impressões dessas visitas à França,

Suíça e Alemanha. Editado em 1878, *An inland journey* (Uma viagem pelo interior) descreve um percurso de canoa da França até a Bélgica, que o autor realizou ao lado de um amigo. Já *Travels with a donkey in the Cévennes* (Viagens com um asno na Cévennes), publicado no ano seguinte, conta suas peripécias por uma região rochosa do sul da França.

Com esses livros, o escritor recebeu elogios que o aproximaram dos grandes nomes da literatura inglesa, como Walter Scott e Charles Dickens. Contudo,

*foram os ensaios publicados na Cornhill Magazine a partir de 1876 que o tornaram conhecido no meio literário. Marcada pelo fino humor e pela sensibilidade apurada, essa série de ensaios foi reunida e editada em 1881 sob o título *Virginibus puerisque* (Às donzelas e aos garotos), obtendo grande sucesso.*

---

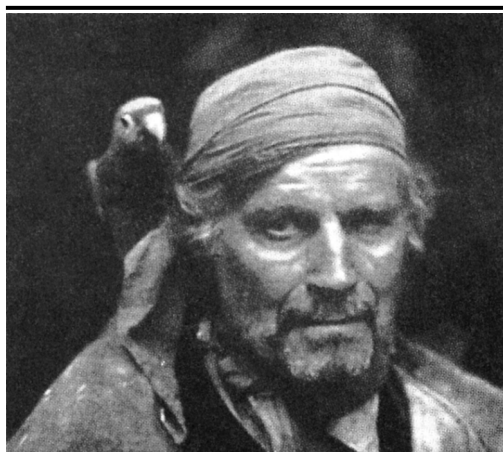
## Um romance de aventura

*N*uma de suas viagens à França, Stevenson — então com vinte e seis anos — conheceu a grande paixão de sua vida, Fanny Osborne. Essa foi uma aventura à parte, e das mais tumultuosas. Fanny, americana da Filadélfia, era onze anos mais velha que ele, tinha dois filhos, havia sido abandonada pelo marido e estava em pleno processo de divórcio. Tais circunstâncias foram suficientes para que a família Stevenson, adepta da rígida moral calvinista, se opusesse radicalmente ao relacionamento.

*Foram quatro anos de conturbado namoro, marcado por idas e vindas entre a Europa e os Estados Unidos, até se consumir o divórcio de Fanny. Finalmente, em dezembro de 1879 Stevenson viajou para a*

*Califórnia, marcando o casamento para maio do ano seguinte. No livro *The Silverado squatters* (Os posseiros de Silverado), ele descreve as agruras do longo percurso que empreendeu até atingir o extremo oeste dos Estados Unidos.*

*Após o casamento, o escritor retornou à Escócia com a nova família. Ali moraria durante seis anos, mas sempre interrompendo a estada com viagens pela Europa, em busca de um clima ideal para enfrentar a doença que o consumia. Mesmo assim, a união*



*com Fanny Ihe trouxe a vida tranquila que tanto desejava e, talvez como consequência, o sucesso profissional.*

*Isso aconteceu com a descoberta de um tesouro. Ou melhor, com a história dessa descoberta, a emocionante aventura do menino Jim numa arriscada viagem à procura de um tesouro escondido numa ilha longínqua. O romance foi concebido em 1881, quando Stevenson inventou uma história de piratas para seu enteado. Dois anos mais tarde, The Treasure*

*Island (A Ilha do Tesouro) começou a ser editado em forma seriada numa revista. O sucesso foi estrondoso, rendendo-lhe a consagração do público em todo o mundo.*

*Os anos que se seguiram à publicação de A Ilha do Tesouro foram tão fecundos quanto desastrosos — ou seja, Stevenson produziu muito e se debilitou*

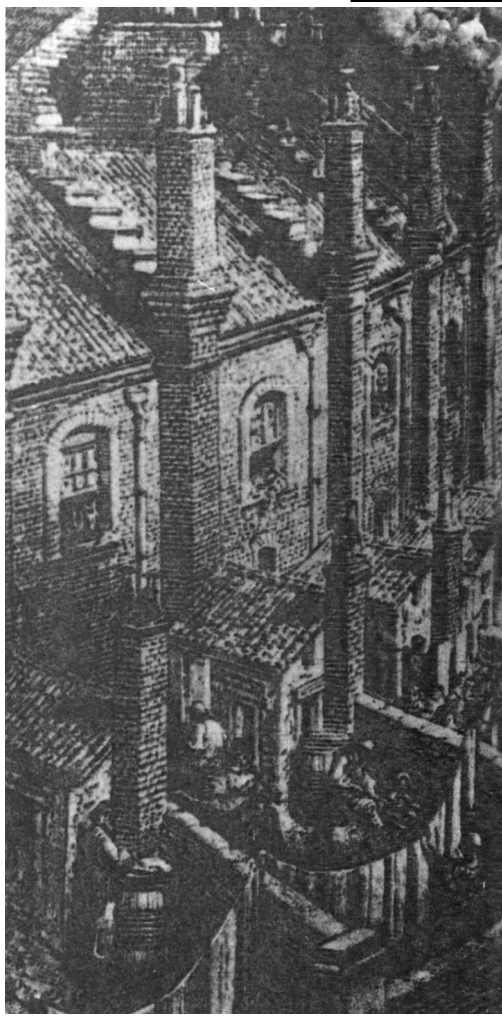
*A Ilha do Tesouro foi diversas vezes adaptada para o cinema, contando até com duas versões feitas na Rússia. O carismático personagem do pirata Long John Silver já foi interpretado por astros como Charlton Heston (canto superior esquerdo) e Orson Welles (canto inferior esquerdo). Mas a melhor versão ainda é a americana de 1934, que tinha Wallace Beery nesse papel (abaixo)*



*ainda mais. Escritor versátil, editou em 1885 o livro de poesia infantil A child's garden of verses (O jardim de versos de uma criança) e diversos romances policiais, destacando-se Kidnapped (Raptado) de 1886, uma história fantástica que se passa na Escócia do século XVIII.*

*Mas a obra que realmente consolidou sua fama foi The strange case of dr. Jekyll and mr. Hyde (O estranho caso do dr. Jekyll e de mr. Hyde), mais conhecida como O médico e o monstro. A novela foi concebida durante um sonho, entre hemorragias e convulsões pulmonares. Aliás, os sonhos eram uma das grandes fontes de inspiração de Stevenson. Nesse dia, despertado por Fanny de seu conturbado pesadelo, ele protestou por ter tido sua "historinha" interrompida. Engano seu: não demorou muito para terminar o que chamava de "um drama fantástico testemunhado por cidadãos comuns", considerado por muitos uma severa crítica à sociedade vitoriana. Publicada em 1886, a novela lhe trouxe a tão desejada independência financeira. Mais que isso, com ela Stevenson obteve o reconhecimento paterno, até então negado por conta da escolha profissional e do casamento. Mas a alegria desse reencontro foi*

O médico e o monstro teve longa carreira nas telas: ao lado, o ator Fredric March interpreta mr. Hyde no filme de 1932. O livro, escrito há mais de cem anos, não perdeu em nada o poder de nos assustar e fascinar; para muitos, ele é um ataque à hipocrisia da Inglaterra vitoriana, em que o conforto e a falsa virtude de um dr. Hyde contrastavam bastante com a sordidez dos bairros mais pobres de uma grande cidade como Londres (abaixo, numa gravura de Gustave Doré), cenário das depravações de Hyde





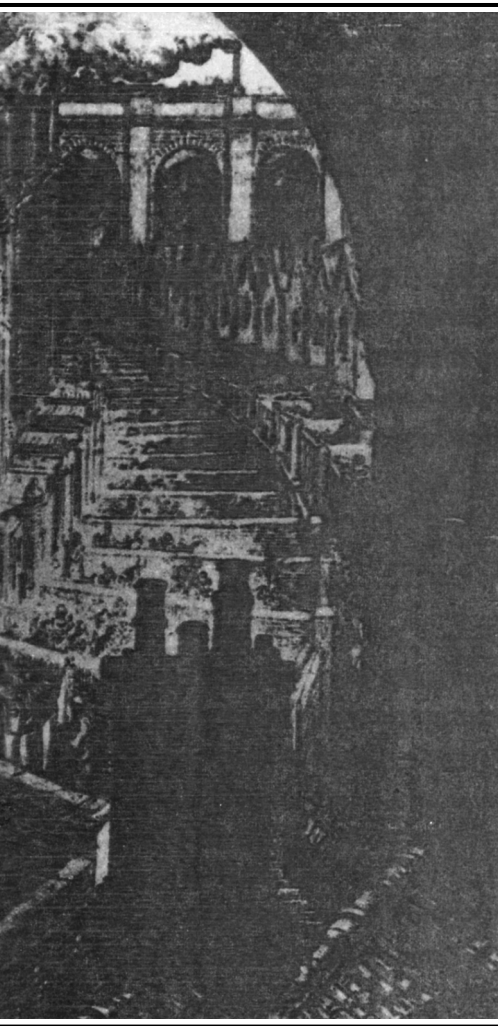
*abreviada com a morte do pai no ano seguinte, o que desfez seu mais forte laço com a terra natal. Isso contribuiu para uma decisão repentina e radical: mudar de continente.*

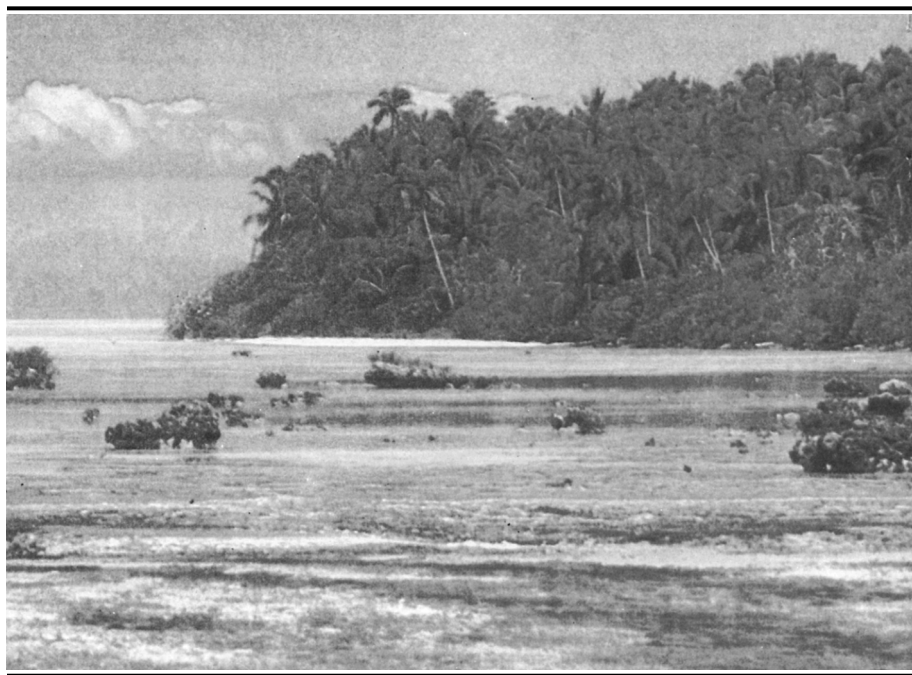
---

## O tesouro dos Mares do Sul

*Em 1888, Stevenson comprou um barco e partiu com a família num longo cruzeiro pelo Pacífico Sul. “Havia quase dez anos que meu estado de saúde se agravava”, contaria o escritor na autobiografia In the South Seas (Nos Mares do Sul), “e, pouco antes de empreender essa minha viagem, eu acreditava ter chegado ao epílogo da vida, sem que nada mais me restasse além da enfermeira e do agente funerário”. Não fora em vão essa aventura: a verdade é que lá ele finalmente encontrou o clima propício a sua saúde e, segundo muitos, o ponto máximo de sua carreira.*

*Percorreu de ponta a ponta os Mares do Sul, iniciando a parte mais exótica de sua vida, descrita nos livros que se seguiriam. Os romances The ebb-tide (A maré baixa) e The beach of Falesa (A praia de Falesa) introduzem o leitor às perplexidades de um*

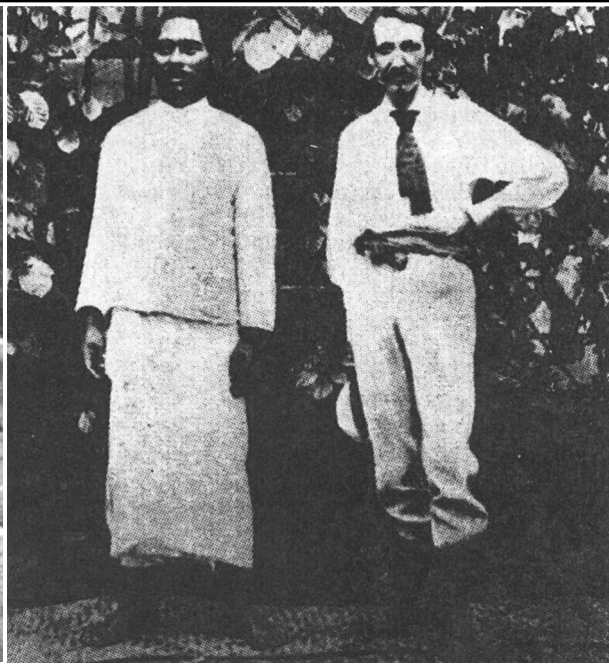




européu que trava contato com uma cultura diferente da sua, relatando as dificuldades e as descobertas decorrentes de tal adaptação. Também marca esse período *The weir of Hermiston* (O açude de Hermiston), que, apesar de inacabado, disputa com *The master of Ballantrae* (O senhor de Ballantrae) o título de obra-prima do autor. A distância da terra natal não impediu que Stevenson recriasse antigas tradições escocesas, como fez com mestria nesses dois romances históricos.

Foram ao todo seis anos e meio na Oceania, sendo quatro deles na ilha de Upolu, no

arquipélago de Samoa. Fixou-se com a família em Vailima, a bela mansão de madeira que construiu no alto de um morro dominando o mar, sempre aberta à população nativa. Stevenson era visitado por reis e camponeses, nunca deixando de observar o quanto lhe encantavam a beleza e a vitalidade dos povos polinésios e melanésios. Envolveu-se na política local, defendendo aquela cultura milenar contra a civilização industrial que a ameaçava. Em contrapartida, foi reverenciado por esses nativos e carinhosamente batizado de “Tusitala” — “o contador de histórias”. Foram os anos mais felizes de sua vida.



Stevenson estava sempre se mudando, tentando curar-se da tuberculose. Acabou indo viver em Samoa, onde passou os últimos anos de sua vida. Ali, encontrou paz e inspiração na amizade com os nativos, que o chamavam de Tusitala, "o contador de histórias". Na foto da direita, o escritor na mansão que ele construiu em Samoa

*Sua aventura terminou no dia 3 de dezembro de 1894, com uma história que também parece tirada dos livros. Depois de ditar durante algumas horas para a mulher o romance em que trabalhava, Stevenson foi à adega da casa buscar uma garrafa de seu vinho preferido, o borgonha. Ao voltar, largou o saca-rolhas subitamente, levou a mão à cabeça e, após um grito desesperado, caiu por terra. Ele, que passou a*

*vida toda ameaçado pela tuberculose, acabou morrendo fulminado por uma hemorragia cerebral.*

*Era um homem alto, magro, de olhos e cabelos negros, considerado pelos amigos um espírito largo, generoso e extremamente sensível, a ponto de chorar por qualquer bobagem. Na intimidade, revelava uma rara habilidade para desempenhar papéis, registrada por um velho amigo com as seguintes palavras: "Stevenson nunca era ele mesmo, a não ser quando estava em algum disfarce fantástico". Era mesmo um personagem encantador, esse contador de histórias.*

# SUMÁRIO

## ■ ROBERT LOUIS STEVENSON Um viajante nos mares da aventura

	<b>PARTE I - O VELHO PIRATA</b>	
I	■ O velho lobo do mar no Almirante Benbow	20
II	■ O "Cão Negro" aparece e desaparece	26
III	■ A marca negra	33
IV	■ O baú do marujo	38
V	■ O fim do cego	43
VI	■ Os papéis do capitão	48
	<b>PARTE II - O COZINHEIRO DE BORDO</b>	
VII	■ Vou para Bristol	56
VIII	■ Na estalagem do Telescópio	61
IX	■ Pólvora e armas	67
X	■ A viagem	72
XI	■ O que eu ouvi no barril de maçãs	77
XII	■ Conselho de guerra	83
	<b>PARTE III - MINHA AVENTURA EM TERRA</b>	
XIII	■ Como principiei minha aventura em terra	90
XIV	■ O primeiro golpe	95
XV	■ O homem da ilha	100
	<b>PARTE IV - A PALIÇADA</b>	
XVI	■ Narrativa continuada pelo doutor: como o navio foi abandonado	108
XVII	■ Narrativa continuada pelo doutor: a última viagem do escaler	112
XVIII	■ Narrativa continuada pelo doutor: fim do primeiro dia de luta	117
XIX	■ Narrativa de Jim Hawkins: a guarnição da paliçada	121
XX	■ A embaixada de Silver	126
XXI	■ O ataque	131
	<b>PARTE V - MINHA AVENTURA NO MAR</b>	
XXII	■ Como iniciei minha aventura no mar	140
XXIII	■ Na maré vazante	145
XXIV	■ A viagem no barquinho	150
XXV	■ Eu arriô a bandeira negra	155
XXVI	■ Israel Hands	160
XXVII	■ "Peças de oito!"	168
	<b>PARTE VI - O CAPITÃO SILVER</b>	
XXVIII	■ No campo do inimigo	174
XXIX	■ A marca negra de novo	181
XXX	■ A palavra empenhada	188
XXXI	■ A caça ao tesouro: as indicações de Flint	194
XXXII	■ A caça ao tesouro: a voz entre as árvores	201
XXXIII	■ A queda de um chefe	206
XXXIV	■ E por fim	211



# A ILHA DO TESOURO

**T**udo começou quando Robert Louis Stevenson resolveu contar uma história de piratas para seu enteado, como fazia todas as noites. Era o ano de 1881. O menino adormeceu, mas o escritor ficou de tal forma envolvido com a trama que tratou de passá-la para o papel. Dois anos mais tarde ela começou a ser publicada em capítulos na revista escocesa *Young Folks* (*Gente Jovem*), com o título *The sea cook* (*O cozinheiro do mar*). O livro tornou-se um clássico do gênero, só disputando fama com outro romance inglês de aventura, escrito mais de cento e sessenta anos antes: o *Robinson Crusóé* (1719), de Daniel Defoe.

A história se passa no século XVIII, época de ouro da pirataria. Conhecidos por suas peripécias como navegadores, os ingleses já se dedicavam ao banditismo marítimo havia muito

tempo, mas especialmente desde o século anterior, quando as grandes expedições pelas Índias Ocidentais e pelo oceano Índico começaram a se deteriorar. Foi então que os corsários (ou seja, piratas “autorizados” por seus governos para assaltar os navios das nações inimigas) se transformaram em indivíduos completamente fora da lei.

É dessa época a publicação da história geral dos roubos e assassinatos dos mais notáveis piratas, um tratado sobre o tema que veio a inspirar diversos escritores, inclusive o próprio Stevenson. Talvez essa leitura lhe tenha sido fundamental para a composição do personagem excepcional que contracenava com o menino Jim: com uma perna só, o papagaio sempre no ombro, a fisionomia enganadoramente amigável e aquela tagarelice inesgotável que

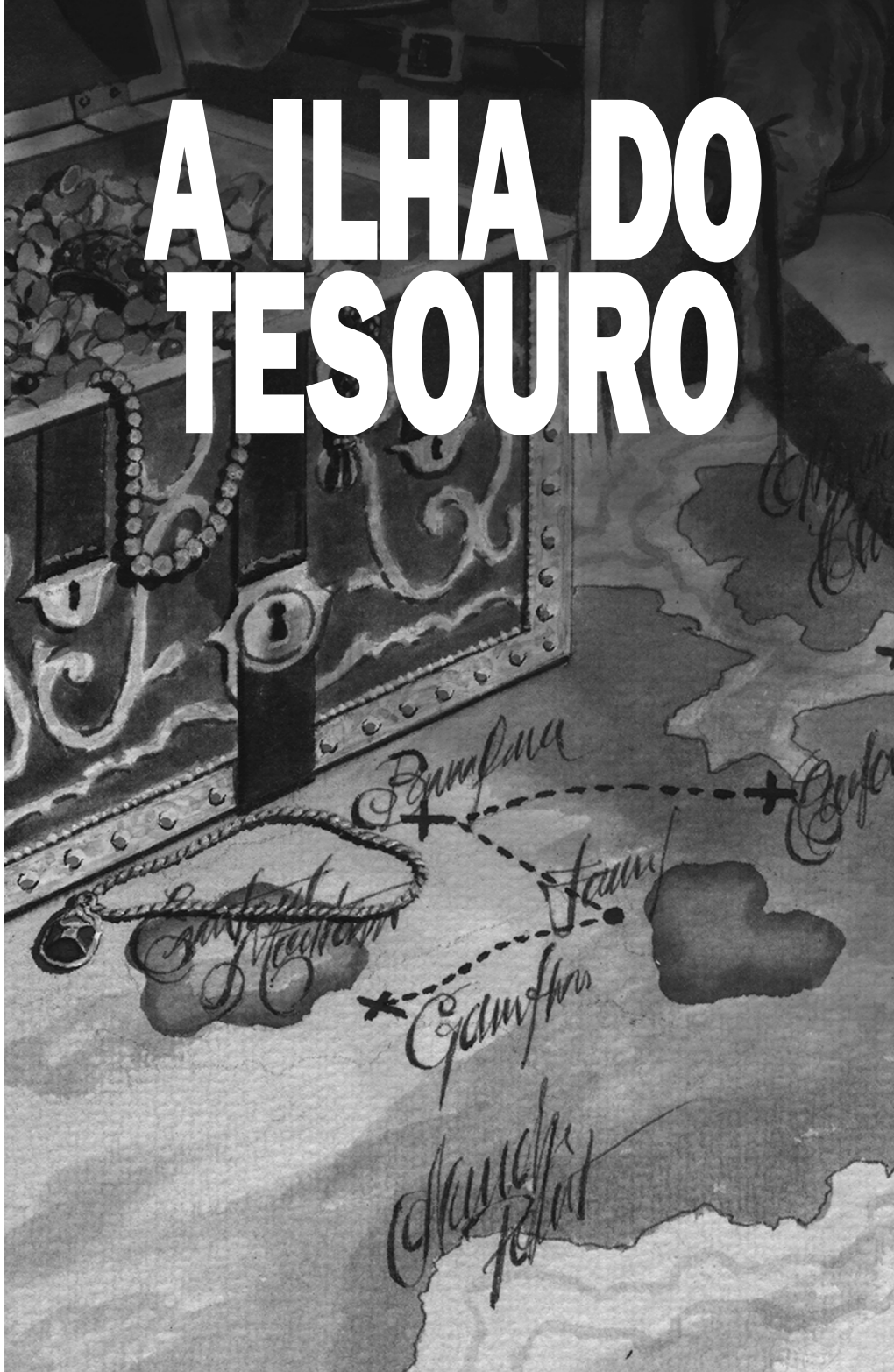
caracteriza os marinheiros, John Silver tornou-se o pirata mais famoso da literatura ocidental.

A forma direta e simples com que essa história é narrada tem o poder de transportar o leitor para os cenários fantásticos do romance, tornando-o cúmplice desses

personagens. Mal percebemos e estamos a bordo do navio *Hispaniola*, acompanhando as aventuras de Jim e Silver em direção ao tesouro. Pouco a pouco as emoções da viagem vão se confundindo com as emoções da leitura. É só embarcar.

**E.R.M.**

# A ILHA DO TESOURO



A  
Lloyd Osborne,  
um cavalheiro americano,  
à medida de cujo gosto clássico  
foi planejada a narrativa que se segue,  
em retribuição a muitas horas deliciosas  
e com os votos mais amistosos,  
dedica-lhe seu amigo afeiçãoado,  
o Autor.

## *Ao comprador hesitante*

---

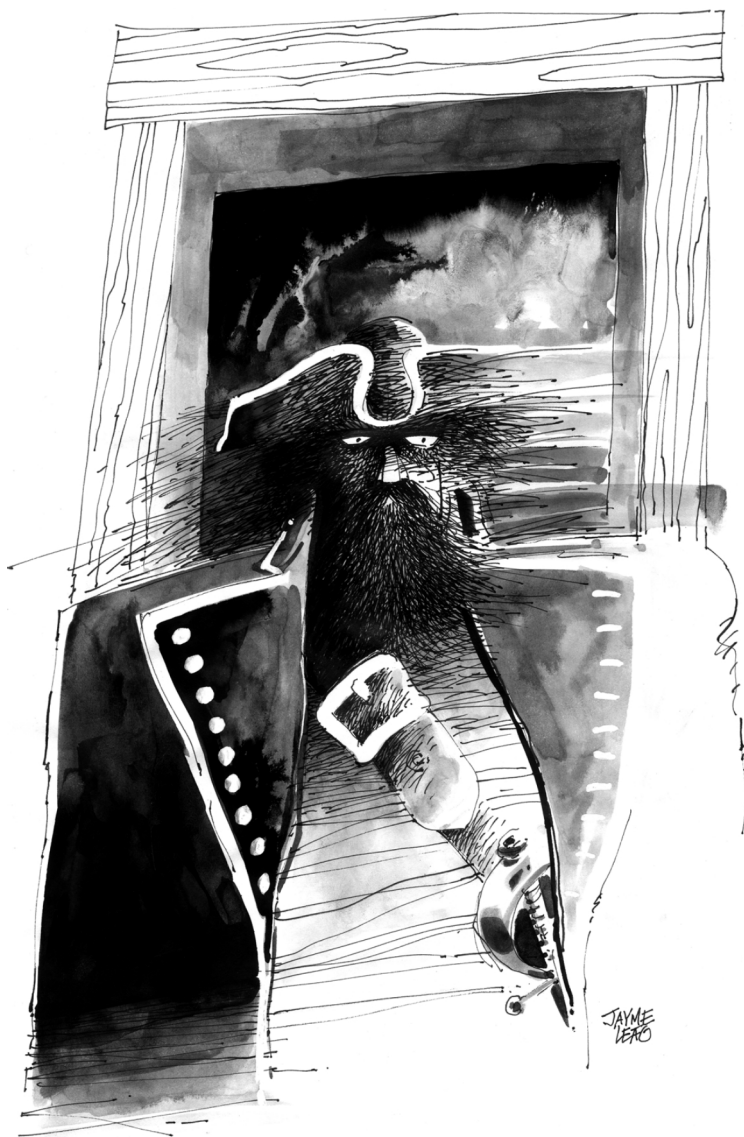
*Se as histórias ou as canções do mar,  
Tormentas, aventuras, o desconhecido,  
Escunas, ilhas, naus para saquear,  
E os piratas com tesouro escondido,  
Todo o velho romance, de novo urdido,  
Exatamente à maneira de outrora,  
Podem encantar com seu toque tão querido  
Os jovens mais espertos de agora.*

*Que seja, e salve! Mas se assim não for,  
Se a mocidade de hoje não faz mais caso  
Do que antes era amado com fervor,  
De Kingston ou Ballantyne, sempre tão bravo,  
De tantos heróis que no coração eu guardo,  
De aventuras que tornam o mundo mais largo,  
Que pena, mas o que fazer? Vamos deitar,  
Eu e os meus piratas, sob o chão amargo  
À espera de um dia ressuscitar.*



Parte I

# O VELHO PIRATA



# I

---

## O velho lobo do mar no Almirante Benbow

**O** *squire*\* Trelawney, o dr. Livesey e os outros cavalheiros tendo pedido para que eu escrevesse sobre a Ilha do Tesouro, lance por lance, do começo até o fim, não deixando nada de fora a não ser a localização da ilha, e isso apenas porque há nela um tesouro ainda não retirado, pego de minha pena no ano da graça de 17.., e recuo até a época em que meu pai possuía a estalagem Almirante Benbow, e em que o velho marinheiro moreno, com um corte de sabre, veio hospedar-se sob nosso teto.

Lembro-me dele como se fosse ontem, de como foi aproximando-se devagar da porta da estalagem, de seu baú de marujo vindo atrás num carrinho de mão; um homem alto, forte, pesado, de pele amorenada; um rabo de cavalo seboso caía sobre os ombros de seu casaco azul manchado; as mãos, cheias de calos e cicatrizes, as unhas pretas e quebradas; o corte de sabre de um lado do rosto era de um branco lívido, sujo. Lembro-me dele olhando a enseada e assoviando para si mesmo, como costumava fazer, e súbito entoando aquela velha canção do mar que, depois, ele cantou tantas vezes:

*Quinze homens sobre o baú do morto  
Yo-ho-ho, e uma garrafa de rum!*

no mais alto de uma voz trêmula, velha, que parecia ter sido modulada e triturada nas barras do cabrestante. Então bateu na porta com um pedaço de vara igual a uma estaca que carregava e, quando meu pai apareceu, pediu com rispidez um copo de rum. Quando foi servido, bebeu lentamente, como um bom apreciador, demorando-se a

---

\* Título concedido a um senhor rural na Inglaterra. (N.T.)



saboreá-lo e olhando sempre à sua volta para os rochedos e espiando nossa tabuleta.

— É uma enseada jeitosa — disse, por fim. — E um boteco agradavelmente situado. Muita gente, companheiro?

Meu pai disse-lhe que não, muito pouca gente, o que era mesmo uma pena.

— Bem — ele disse —, para mim isto é uma cabine. Você aí, camarada — gritou para o homem que empurrava o carrinho. — Traga meu baú para cá e o leve para dentro. Vou ficar aqui algum tempo — continuou. — Sou um homem simples; rum, *bacon* e ovos é tudo que quero, e ficar vendo daqui de cima passar os navios. Como é que deve me chamar? Pode me chamar de capitão. Ah, já sei em que é que... está aqui. — E jogou na soleira três ou quatro moedas de ouro. — Pode me avisar quando eu já tiver gasto — disse, olhando ameaçadoramente como um comandante.

E, de fato, apesar das roupas ruins e do jeito grosseiro de falar, não tinha a aparência de um simples marinheiro; parecia mais um capitão de navio, acostumado a ser obedecido ou a intimidar. O homem que trouxe o carrinho disse-nos que a diligência o deixara de manhã diante do *Royal George*; que ele perguntara sobre as estalagens que existiam ao longo da costa, e ouvindo falar bem da nossa, supunho, que fora descrita como isolada, escolhera-a para sua residência. E isso foi tudo que pudemos saber sobre nosso hóspede.

Ele era um homem silencioso por hábito. Passava os dias rondando a enseada, ou sobre os rochedos, com um telescópio de metal; à noite, sentava-se a um canto da sala de estar perto do fogo, e bebia rum forte misturado com água. Na maioria das vezes não respondia quando falavam com ele, apenas olhava de modo rápido e feroz, e a soprar pelo nariz como um fole; e nós e as pessoas que vinham à nossa casa logo aprendemos a deixá-lo a sós. Todo dia, quando voltava de seu passeio, perguntava se algum marinheiro tinha passado pela estrada. No início, pensamos que era o desejo de companhia de alguém de seu meio que o fazia perguntar; mas por fim começamos a desconfiar que ele desejava evitá-los. Quando algum marujo parava no Almirante Benbow (como ainda hoje alguns fazem, tomando a estrada costeira para Bristol), ele o olhava através das frestas da porta antes de entrar na sala; e sempre mantinha-se calado como um rato quando havia alguém assim. Para mim, pelo menos, o caso já não tinha mais segredo; pois eu, de certo modo, partilhava de seus alarmes. Um dia chamou-me de lado e me prometeu